

A LÍNGUA ESTRANGEIRA E O AFASTAMENTO DOS DISCURSOS FAMILIARES: UM ESTUDO DA INDETERMINAÇÃO

THE FOREIGN LANGUAGE EXPERIENCE AS MOTHER TONGUE DEVIATION: A STUDY ON INDETERMINACY

Vivian Mendes Lopes*

Resumo

O trabalho investiga a indeterminação na produção discursiva em língua estrangeira, sendo esta entendida como um hiato, de natureza semântica, entre aquilo que o falante diz e o que gostaria de dizer (VEREZA, 2002). O referencial da pesquisa é a chamada Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), cujas categorias semânticas, ligadas ao domínio dos sentimentos e opiniões do falante, constituíram unidades analíticas das marcas de indeterminação no discurso LE. O estudo se apoia na análise contrastiva de textos de mesmo gênero, produzidos em português/L1 e em inglês/LE, por alunos brasileiros de nível avançado.

Palavras-chave

Indeterminação. Identidade. Avaliatividade. Discurso LE.

Abstract

This paper examines indeterminacy in foreign language production, which can be defined, in this context, as a mismatch between what speakers wish to express and what they end up saying (VEREZA, 2002). The study resorts to Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005) and its semantics of affect and stance taking, which provided the research units of analysis. The methodology involves the contrastive analysis of texts of the same genre produced by Brazilian advanced students of English in their L1 and target language.

Key words

Indeterminacy. Identity. Appraisal. L2 discourse.

Introdução

Este trabalho traz as principais questões discutidas em minha dissertação de mestrado (LOPES, 2008), que teve como foco a investigação da indeterminação na produção discursiva em inglês como língua estrangeira (VEREZA, 2002). O estudo vincula-se ao Projeto Indeterminação no Discurso em Língua Estrangeira, pesquisa

* Doutoranda em Estudos de Linguagem. Instituto de Letras: Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

desenvolvida no programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, coordenada por Solange C. Vereza. No contexto específico dos trabalhos que integram esse projeto, a produção do aprendiz, referenciada ao longo dos anos de 1970 a 1990 sob o termo “interlíngua” (CORDER, 1971; 1973; 1980; 1983), é investigada não exatamente do ponto de vista de sua sistematicidade e estágios evolutivos, mas a partir da perspectiva do próprio sujeito que fala.

Na base das reflexões levantadas por Corder, essa chamada interlíngua caracteriza-se, fundamentalmente, como um sistema intermediário entre a língua materna do aprendiz e a língua-alvo, na direção da qual recebe instrução. Na qualidade de “ponte” entre dois sistemas estabelecidos, a interlíngua abriga lacunas a serem transpostas na passagem de um sistema a outro. Uma questão que está por detrás da atenção dos estudos aplicados de linguagem na interlíngua é o foco sobre o aprendiz, em contraposição à ênfase até então colocada sobre os métodos de ensino de línguas. Assim, paralelamente ao interesse sobre a interlíngua, surge também, naquele mesmo período, o questionamento em torno das estratégias comunicativas/compensatórias (OXFORD, 1990) utilizadas pelo aprendiz para compreender a língua alvo, elaborar hipóteses a respeito de suas regras e comunicar-se nessa língua.

O principal interesse das pesquisas que integram o Projeto Indeterminação no Discurso em Língua Estrangeira é a relação do sujeito com a sua produção discursiva LE. Esse interesse por ser traduzido pela seguinte indagação: se considerarmos o discurso como espaço de construção da identidade do falante e de sua representação para si e para o outro (RAJAGOPALAN, 2006), como é para o sujeito a situação de ter de construir discurso em língua estrangeira a partir de formas provisórias, escassas e imprecisas que nem sempre refletem o conteúdo da sua intenção? Essa pergunta nos conduz àquilo que constitui o objeto de investigação desse conjunto de pesquisas (cf. VEREZA, 2002; GABRIEL e CUSTÓDIO, 2002; CASTRO, 2003; LOPES, 2008). Trata-se do que Vereza (2002) define como “indeterminação no discurso em língua estrangeira”, que pode ser entendida, usando aqui as palavras da pesquisadora, como um “hiato entre aquilo que o falante LE gostaria de dizer e o que, devido a limitações linguísticas, consegue dizer, apesar de seu discurso ser bem-sucedido do ponto de vista pragmático”.

A indeterminação como objeto de pesquisa e suas implicações identitárias

O recorte coloca em realce a problematização do discurso LE a partir da perspectiva daquele que o enuncia, para quem a fala pode se apresentar como uma fonte de potencial desconforto. O discurso LE parece, muitas vezes, fugir às expectativas de seu enunciador, mostrando-se, a contragosto, diferente daquilo que este pretendia, a princípio, dizer. A experiência em foco é a do descompasso entre a forma expressa e o conteúdo da intenção do falante. Trata-se de uma indeterminação, de natureza semântica, acessível ao indivíduo que fala, quando este se defronta com uma determinada lacuna em seu conhecimento linguístico, que o pode levar tanto a falar por aproximação quanto a silenciar os conteúdos para os quais não encontra expressão.

Para Vereza (2002), dois fatores parecem estar associados ao objeto da pesquisa como possíveis fontes do *estranhamento* (REVUZ, 2006) que o falante muitas vezes experimenta diante de sua produção discursiva LE. Estes seriam: a vivência com sua própria língua materna e o ideal de falar a língua-alvo como um nativo. O discurso em língua materna, muitas vezes, confere ao falante a ilusão da identificação plena, tecida no entrelaçamento do sujeito com os signos de sua língua de fundação. A imagem do sujeito (inteiro) amalgamado com sua primeira língua, pano de fundo da experiência de deslocamento no discurso em língua estrangeira, também é projetada sobre o falante nativo da língua de que deseja se apropriar. O falante nativo, na condição daquele que tem “total domínio” do objeto-língua (alvo do sujeito aprendiz), torna-se, com frequência, um modelo a ser alcançado. Esses dois referenciais desenhariam, para o falante LE, uma espécie de ponto de contraste para avaliação de seu discurso, que passaria, assim, a ser apreciado em termos “do quão perto/longe [este] estaria do ideal”, usando aqui as palavras da pesquisadora (VEREZA, 2002).

As considerações referentes às possíveis fontes de estranhamento do falante LE, assim como essa última afirmação, ponto chave, ao que parece, na delimitação da indeterminação no discurso LE como objeto de pesquisa, nos conduzem a outra colocação, esta levantada por Revuz (2006), para quem a língua estrangeira, ao abrir “novo espaço potencial para a expressão do sujeito, [...] vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua”. A autora é também contemplada nos escritos de Vereza, que dimensiona a questão da ruptura entre o sujeito e sua língua no enquadre do acesso que o discurso em uma língua estrangeira possibilita à realidade indeterminada da linguagem, encoberta pela

vivência familiar do falante com os signos de sua primeira língua.

Ao falar somente o que pode, o sujeito vê parte de sua identidade sendo construída à sua revelia. Vale notar que, na maioria dos casos, esse processo se dá inconscientemente. Poder-se-ia afirmar que, em língua materna, a linguagem também restringe e até determina o que queremos dizer: dizemos sempre o que podemos, mesmo que pensemos estar dizendo o que queremos. Mas no caso do falar uma língua estrangeira, a distância entre o que se quer falar e o falar, além de ser de outra natureza, torna-se clara, revelando assim a indeterminação característica do discurso e da palavra (VEREZA, 2002).

A citação acima resume a principal hipótese de trabalho dos estudos com foco na indeterminação no discurso em língua estrangeira: a de que a distância entre o querer e o conseguir dizer afeta a identidade discursiva do aprendiz. Ao falar de maneira diferente de como gostaria, aproximando o conteúdo da mensagem ao inventário, mais restrito, das formas conhecidas do repertório expressivo de uma língua estrangeira, o aprendiz confronta-se com um discurso que “fala em seu lugar” (VEREZA, 2002), produzindo sentidos novos, muitas vezes imprevistos, que apartam sua imagem discursiva de referenciais semânticos familiares, situados no domínio das situações em que faz uso de sua língua materna.

Na atividade de produzir discurso em língua estrangeira, vivencio o risco de minhas palavras chegarem à frente de mim mesmo, dizendo outra coisa, antes ou em meu lugar. Essa “outra coisa” pode ser o próprio conteúdo referencial da mensagem, deslocado do sentido previsto, na trilha da trajetória nova impressa pelo emprego de palavras semanticamente equivocadas. Lembremos, por exemplo, os mal-entendidos provenientes dos tão advertidos falsos cognatos, alardeados na condição de “amigos desleais”, que “traem” de nossa confiança, ou a própria expectativa de precisão, e nos expõem a *face* (cf. GOFFMAN, 1967). Pode ser também – e, talvez, com maior frequência, suscitando, porém, menor preocupação ou repreensão – o tom do enunciado (como se diz), desatendido em favor da manutenção do conteúdo referencial (o que se diz): no empenho de comunicar-me com os recursos linguísticos de que disponho, posso soar mais, ou menos, objetivo do que pretendia; mais, ou menos, formal do que pretendia; e assim por diante.

Esse conjunto de questões apresentadas nesta introdução delimita aquilo que se constitui como objeto de investigação da presente pesquisa. Antes de passar à apresentação do referencial teórico deste estudo, gostaria de apresentar alguns aspectos, focalizados em fases anteriores a este estudo, que estariam na base da própria natureza do que está se tratando aqui como indeterminação no discurso em língua estrangeira. Por meio da análise contrastiva de textos de mesmo gênero, produzidos por aprendizes em sua língua materna (português) e em língua estrangeira (inglês), identificaram-se, nessas etapas do projeto, os seguintes aspectos que parecem caracterizar as produções LE: (1) textos mais curtos; (2) presença de pouca complexidade lexical; e (3) baixa frequência de instâncias de linguagem avaliativa (sentimentos e opiniões do falante). Este trabalho surge exatamente como uma etapa de aprofundamento da investigação do terceiro aspecto. A hipótese dessa etapa do estudo era a de que, do ponto de vista da expressão de conteúdos avaliativos, o discurso em língua estrangeira seria mais indeterminado do que o discurso em língua materna.

Investigando a avaliatividade no discurso LE

Constituiu o referencial da pesquisa a chamada Teoria da Avaliatividade / Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005), que investiga a construção da subjetividade do falante nos textos. A teoria tem seu aporte no funcionalismo sistêmico de M. A. K. Halliday, que tem uma de suas noções-chave a concepção de sistema como potencial semântico (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A teoria da avaliatividade está situada no domínio da Semântica Discursiva (MARTIN; ROSE, 2003), que orienta muitas das análises com foco no discurso realizadas pelos linguistas funcionais sistêmicos do chamado Círculo de Sydney.

A teoria se desenvolve em torno das seguintes três categorias-chave: (1) atitude, ligada aos sentimentos, opiniões e juízos de valor do falante; (2) gradação, que engloba recursos de intensificação e precisificação dos significados; e (3) engajamento, categoria que reúne marcadores do diálogo do falante com seu próprio texto e seus interlocutores (vozes de referência e grau de comprometimento com essas vozes¹). Vale observar que, os significados atitudinais geralmente se realizam linguisticamente pelos adjetivos e a gradação pelos advérbios. O engajamento se realiza por uma série variada de recursos sinalizadores das fontes das proposições

¹ O termo “voz” deriva dos conceitos de dialogismo e heteroglossia de Bakhtin (2003).

e do alinhamento ou não do falante/escritor a essas fontes, tais como: marcas do discurso reportado (projeção: “ele disse que”); a negação, a concessão e as conjunções adversativas (contestadores de expectativas compartilhadas); locuções de modalização (“pode”, “deve”, “provavelmente”, “é possível que”), entre outros. Acrescento abaixo alguns exemplos que ilustram o escopo semântico-discursivo de cada uma dessas categorias.

1. ATITUDE:

- a. O professor está *satisfeito*.
- b. É um profissional *dedicado*.
- c. O livro está datado. (sentimentos, juízos de valor, opiniões)

2. GRADAÇÃO:

- a. O professor está *muito* satisfeito.
- b. O livro está já *meio* que datado.

3. ENGAJAMENTO:

- a. As aulas do professor *parecem* esclarecedoras. (modalização)
- b. *Ainda que* não tenham feito boas provas, *os alunos disseram que* as aulas foram esclarecedoras. (contestação de expectativa, discurso reportado)

As categorias de avaliabilidade integraram o quadro de unidades analíticas da pesquisa. Quanto ao desenho metodológico do estudo, gostaria de tecer algumas considerações referentes à natureza do corpus, ao procedimento de coleta dos dados e aos participantes de pesquisa. Para investigar a hipótese da indeterminação mais marcada das instâncias de avaliabilidade do discurso LE, entendendo-se a avaliabilidade como índice da presença subjetiva do falante, montamos um corpus composto por textos fundamentalmente interpretativos. O corpus foi gerado por uma tarefa de pesquisa que consistia na leitura de um conto em inglês² seguida por perguntas de interpretação, que deveriam ser respondidas em duplas: primeiro em inglês/LE e, uma semana depois, em português/L1. A tônica do questionário interpretativo era solicitar o julgamento dos participantes da personagem principal do conto. Participaram da pesquisa alunos brasileiros de nível avançado de inglês, matriculados nos cursos de Graduação e Especialização

² *A pair of silk stockings*, de Kate Chopin (1996). Em síntese, o conto é uma espreita, em terceira pessoa, dos conflitos de consciência vividos por uma mulher pobre, que, ao encontrar uma determinada quantia de dinheiro, vê-se dividida entre o dever de comprar roupas decentes para os filhos e o desejo repentino de possuir um par de meias de seda.

em Letras Português-Inglês da Universidade Federal Fluminense. A atividade realizada pelas duplas de participantes (colegas de classe) foi gravada em áudio e as produções originadas de suas interações foram transcritas para análise.

A análise dos dados e os principais resultados

Atitude

O foco das análises foi o contraste das expressões de atitude (opiniões do falante) semanticamente correspondentes no par de textos inglês/português produzidos por cada participante. Em suma, o objetivo era identificar conteúdos avaliativos comuns às duas produções e observar como estes eram expressos, do ponto de vista do léxico e da gramática, em cada uma das línguas. Reproduzimos, a seguir, algumas amostras em que se verificaram variações de expressividade. Os enunciados que seguem referem-se todos à personagem principal do conto. Nestes, os estudantes emitem opiniões sobre o modo de ser da personagem, segundo a exigência do questionário de interpretação. Os conteúdos instanciados são dois – *sensatez* (participantes 1 e 2) e *dedicação* (participantes 5 e 6) – como se pode observar:

1. (LE) *She knows the values of things*³

(L1) *Ela valoriza bastante as coisas (+)*

2. (LE) *She cares about objects that are important for their survival*⁴ (+)

(L1) *Ela preocupa-se com as necessidades materiais*

5. (LE) *She lives for her children; She sacrificesa lot in favor of her children*⁵ (+)

(L1) *Ela aprendeu a se dedicar mais aos interesses dos filhos do que aos interesses próprios.*

6. (LE) *She is devoted to her family*⁶ (+)

(L1) *Ela é uma pessoa dedicada à família*

³ Ela sabe o valor das coisas.

⁴ Ela importa-se com objetivos que são importantes para a sobrevivência [da família].

⁵ Ela vive para as crianças. Ela sacrifica-se muito em favor das crianças.

⁶ Ela é devota à família.

Os enunciados assinalados com sinal positivo (+) apresentam o traço de intensidade marcada no plano do investimento semântico das formas instanciadas. As palavras sublinhadas carregam esse traço da intensidade, o qual, no quadro da avaliatividade, é desempenhado pelos recursos de gradação. Nos exemplos citados, vemos duas maneiras de se marcar linguisticamente a chamada gradação de *força* (intensidade), que são: os intensificadores de base adverbial (*bastante*, *a lot*) e a escolha de itens lexicais semanticamente mais fortes em uma sequência de termos correlatos (cf. *devoted* x *dedicada*: veem-se aqui palavras com mesma base de significação, porém distintas pelo grau de força). Ao que se observa, parece haver uma diferença expressiva entre as instâncias de julgamento correspondentes marcada no nível da gradação.

No contraste formal dos conteúdos avaliativos semanticamente correspondentes, as diferenças de gradação constituem um aspecto frequente nos textos do corpus. No quadro da Teoria da Avaliatividade, os recursos de gradação promovem diferentes modalidades de contrato falante/ouvinte: os efeitos de diálogo aberto, expresso em tom modalizado, e fechado, expresso em tom categórico (MARTIN e WHITE, 2005, p. 92). Ao observarmos a variação entre esses efeitos, distintos entre os textos do par, levantamos a seguinte questão: será o efeito alcançado de fato aquele esperado ou poderá esse efeito estar condicionado a limitações linguísticas do falante que o levam ao improvisado com as formas de que dispõe? Ainda que não se possa afirmar que os textos produzidos em língua materna representem aquilo que se poderia caracterizar como sendo a “real” intenção de fala no discurso LE, a regularidade das diferenças de gradação entre os dois grupos de textos nos leva a concluir que tais desencontros de expressividade estejam, de certo modo, associados ao que estamos tratando como indeterminação no discurso LE.

Engajamento

Além das diferenças de gradação, outro aspecto que parecia corroborar a hipótese da produção de um discurso mais indeterminado em língua estrangeira e que também apontava para o risco do efeito discursivo construído à revelia do falante, dizia respeito ao uso dos recursos de engajamento. Nesse nível da análise, nosso parâmetro era o diálogo dos textos interpretativos com os chamados planos do discurso metaliterário (BALOCCO, 2002), interpretados, no contexto da

indiretamente, pelo acréscimo do comentário: *but it's a personal decision* (mas trata-se de uma decisão pessoal), no qual o marcador dialógico *but* (mas), opera, ao que parece uma emenda, ou rasura, que suaviza a força do dito, sinalizando que o enunciador, ainda que faça sua crítica, respeita a decisão. A hipótese que se levanta é a de que esta conjunção adversativa (marca de engajamento) tenha um papel metadiscursivo/compensatório, sendo acionada para ajustar o valor semântico de palavra “foolish” retirando dela o peso da crítica. É possível que o falante tenha sido levado a “improvisar” com a palavra “foolish”, por desconhecer outra de valor mais neutro ou não dela se lembrar no momento da produção do discurso.

Papel de crítico (foco nas propriedades estéticas)

Participante 3: (LE) *She is portrayed as a mother, not as a woman*⁸
(L1) *Não consigo ver a imagem dela como mulher separada da imagem de mãe*

No plano das apreciações de natureza estética, selecionamos um par de amostras em que o estudante constata incoerência/desequilíbrio dos elementos que participam da constituição psicológica da personagem. Nos dois enunciados observamos a presença da negação, que, no sistema de engajamento articula o efeito da contestação. No enunciado em inglês, registra-se a expectativa de que a personagem fosse apresentada como mulher. Contesta-se, nesse caso, o papel da mãe. No enunciado em português, registra-se, por sua vez, a expectativa de que, na apresentação da personagem, a figura da mãe estivesse desvinculada da figura da mulher. Contesta-se, na segunda situação, a obrigatoriedade do vínculo entre os papéis de mãe e mulher, que, na visão do participante, podem estar dissociados. Se a primeira colocação polariza os dois papéis e elege, explicitamente, um a se excluir (nesse caso, a figura da mãe), a segunda, menos rígida, constrói um tom mais complexo, ponderado e refletido, na medida em que não questiona a legitimidade do papel de mãe, mas sim a ideia da associação necessária desse papel à figura da mulher: a identidade feminina não precisa ser definida pela maternidade. Temos aqui, mais uma vez, no contraste entre enunciados, uma

⁸ Ela é apresentada como mãe, não como mulher.

diferença no tom da modalidade de interlocução falante/ouvinte, diferença essa que pode ser motivada por uma limitação linguística do falante LE.

Papel de pesquisador (foco no contexto de produção)

Participante 1: (LE) *Well, I see her as an ex-créole (sic), right?*⁹
(L1) *A personagem parece descrever aquela mulher do século 19, aquela figura que já conhecemos, é uma mulher sofrida, que sofre a pressão daquela época, né (?), tanto racial quanto de sexo, mesmo por ser mulher naquele contexto, naquela época e por ser 'créole'.*¹⁰

Nos enunciados em destaque, o participante caracteriza a situação social da personagem, recorrendo à inserção histórica do conto. Os trechos fazem referência à aristocracia falida da sul dos Estados Unidos, no contexto da Guerra de Secessão. Verificamos aqui as seguintes expressões marcadoras de dialogismo: (1) os marcadores conversacionais “right?”, “né?” e (2) a expressão “que já sabemos”, a qual denota faturalidade e compartilhamento de ponto de vista. No enunciado em português, estamos diante de um raciocínio que, a despeito, de seus pontos de vagueza (aquela mulher, aquela figura) e da solicitação do interlocutor (né?), desdobra-se, fornecendo explicações sobre o valor semântico dos dêiticos: a imagem da mulher *créole*, sofrida e submetida às pressões de gênero parece semantizar o que o falante anuncia como “aquela mulher, aquela figura”. Se medimos, porém, os não-ditos da fala em inglês pelos ditos do enunciado em língua materna, parecemos estar diante de um posicionamento muito mais indeterminado, o qual, além das supressões semânticas no campo das apreciações do contexto social (condensadas na expressão, pouco autoexplicativa “*ex-créole*”), arremata-se em tom de pergunta (*right?*). Parece haver aqui, além da testagem do canal, a solicitação de participação ativa de interlocutor, que é chamado a cooperar na atribuição do sentido intencionado às formas manifestas incompletas.

⁹ Bem, eu a vejo como uma ex-créole, certo?

¹⁰ O termo designa os colonos brancos de ascendência francesa que se fixaram na região do estado norte-americano da Luisiana.

Papel de autor (foco no discurso em construção)

Os comentários com foco na fala em curso, em geral, pareciam estar condicionados às condições da tarefa de pesquisa: por não terem tido acesso ao fim da narrativa, os participantes, com frequência, caracterizavam suas interpretações como incertas e especulativas. No entanto, não se observou correspondência semântica entre apreciações dessa natureza nos pares de enunciados inglês/português de um mesmo falante. Vimos, por outro lado, que, nas produções em inglês (LE), os recursos de engajamento articulavam, na maior parte das vezes, manobras de ajuste lexical, semelhantes as que apresentamos acima. Concluímos, assim, que esse uso compensatório (foco no discurso) de expressões negociadoras do diálogo falante-ouvinte instaurava, nas produções LE, marcas que apontavam, simultaneamente, para diferentes aspectos: (1) a indeterminação das formas (imprecisões); (2) a paráfrase (ajuste do dito); (3) a partilha da fala com o interlocutor (chamado a acompanhar e, muitas vezes, a resolver a indeterminação das formas. Isso pode ser acompanhado na amostra a seguir:

Participante 2: (LE) *She is kind of overconcerned (sic) with things related to her life. It seems to me that she practically only cares about her money; but not in a greedy way, but with important things to survive.*¹¹

(L1) *Ela se preocupa com aquela quantia [de dinheiro], que não é tão grande, mas que, para ela, é bem valiosa.*

No enunciado em inglês, os recursos de contestação parecem excluir os traços semânticos implicados nas escolhas lexicais das expressões “*overconcerned*” e “*only cares about her money*”. O que a negação e a conjunção adversativa (*but/mas*) fazem, a nosso ver, é calibrar essas formas, informando que o falante não tem por intenção dizer que se trata de uma pessoa gananciosa, ainda que suas palavras possam carregar esse sentido. Ao lançar mão dessa estratégia dialógica de ajuste semântico das formas, o falante dirige a atenção do interlocutor às palavras de que faz uso: exclui um mal-entendido implicado em suas escolhas lexicais e inclui a mensagem que quer com essas escolhas transmitir (não quero dizer exatamente o que sugerem minhas palavras, mas outra coisa). Já no enunciado em

¹¹ Ela está meio que superpreocupada (sic) com as coisas relacionadas à sua vida. Parece-me que ela praticamente só se importa com seu dinheiro; mas não de uma maneira gananciosa, mas com coisas importantes para sobreviver.

português, o que se vê, mais claramente é a negociação das ideias, a exclusão de um ponto de vista para a afirmação de outro. Contesta-se o pensamento de que dinheiro pouco é dinheiro sem importância. Afirma-se, nesse caso, que o cuidado no trato das pequenas posses é emblema juízo. Estamos diante da negociação de ideias, estratégia argumentativa que dá suporte ao ponto de vista defendido pelo participante. Esse uso argumentativo dos recursos de engajamento foi observado na maior parte das ocorrências dessas locuções nos textos em português.

Conclusões

O exame das marcas de avaliatividade mostrou-se relevante para o estudo da indeterminação nas produções em inglês (LE) do corpus. As supressões semânticas e desvios de sentido vinculados à expressão de conteúdos de caráter avaliativo parecem realçar a centralidade da função identitária do discurso como potencial desencadeadora de instâncias de indeterminação no discurso em língua estrangeira. Outra questão importante para a pesquisa diz respeito ao uso compensatório dos recursos de engajamento. Esse uso estratégico do engajamento parece constituir um traço sobressalente no conjunto dos textos LE, no qual os recursos dialógicos assumem um duplo efeito discursivo. De um lado, asseguram a “correção”, ou a precisificação, dos ditos que não parecem refletir a intenção de fala do enunciador. De outro, porém, exibem a própria condição provisória das formas em jogo, chamando o destinatário a acompanhar as operações de reajuste lexical. Acreditamos que a atribuição de uma função metadiscursiva às locuções de engajamento, demarcadoras do espaço dialógico dos textos, coloque não somente a fala, como a própria imagem do enunciador em pauta, fazendo-o ascender ao lugar privilegiado de objeto da interação discursiva. A investigação dos efeitos intersubjetivos da indeterminação no discurso LE abre novas questões de pesquisa para estudos futuros.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALOCCO, A. E. *A construção da identidade no discurso acadêmico: o papel da*

avaliação no discurso de estudantes de língua estrangeira. *Revista Gragoatá*, Niterói: EdUFF, n. 11, p. 177-191, ago./dez. 2002.

CASTRO, M. C. *A study of lexical complexity in foreign language production*. 2003. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, 2003.

CHOPIN, K. *A pair of silk stockings and other stories*. New York: Dover publications, 1996.

CORDER, S. P. Idiosyncratic Dialects and Error Analysis. *IRAL*.IX-2, n. 9-2, p.147-60, 1971.

_____. The elicitation of Interlanguage. In: SVARTVIK, J. (ed.). *Errata.Papers in Error Analysis*. Lund: Gleerup, 1973. p. 36-47.

_____. Post-scriptum. *Langages*, Paris: Larousse, n. 57, p. 29-41, 1980.

_____. Strategies of communication. In: FAERCH, C.; KASPER, G. *Strategies in Interlanguage Communication*. London: Longman, 1983. 253p.

GABRIEL, M; CUSTÓDIO, M. Estratégias de compensação e indeterminação na produção discursiva em língua estrangeira. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói: O Instituto, n. 25, p. 65-72, jul./dez. 2002.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. *An introduction to Functional Grammar*. New York: Arnold. 2004.

LOPES, V.M. *Subjetividade e discurso: um estudo da avaliação na produção discursiva em língua estrangeira*. 2008. 191f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, 2008.

MARTIN, J. ; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London:

Continuum, 2003.

MARTIN, J; WHITE, P. *The language of evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

OXFORD, R. *Language learning strategies*. Boston: Heinle&Heinle, 1990.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. In: SIGNORINI, I. (Org). *Linguagem e identidade*. São Paulo, Fapesp; Campinas: Mercado de Letras, 2006.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org). *Linguagem e identidade*. São Paulo, Fapesp; Campinas: Mercado de Letras, 2006.

VEREZA, S. Quem fala por mim? Identidade na produção discursiva em língua estrangeira. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.) *Identities: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 351-361.

